



Entre rituais e cosméticos: a mamona como elemento decolonial para o ensino de Química

Emanoelly P. D. da Costa² (IC); Wemilly R. Conceição² (IC); Heloiza M. da Silva² (IC); Keilyane C. da L. F. Araújo² (IC); Kéville F. Costa² (IC); Rodrigo A. Ferreira² (FM); Isabele Lima Everton¹ (IC); Lidiane de L. S. Pereira¹ (PQ)*; Anna M. C. Benite³ (PQ). lidiane.pereira@ifg.edu.br

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Anápolis

2 Colégio Estadual Leiny Lopes de Souza

3 Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão. Universidade Federal de Goiás

Palavras-Chave: Decolonialidade, Saberes afro-diaspóricos, Cosméticos naturais.

Introdução

A racionalidade europeia construiu uma visão única e universal da história, desconsiderando outras formas de conhecimento e classificando como atrasado tudo que não se alinha ao ideal de progresso. Essa universalização é um mito da modernidade que precisa ser desconstruído, tanto para cumprir legislações educacionais, como as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, quanto para valorizar narrativas e referências ancestrais¹.

A pesquisa que está em andamento tem como objetivo identificar e resgatar os conhecimentos associados a mamona (*Ricinus communis* L.) relacionando-os à diáspora africana e aos saberes tradicionais, além de descrever algumas propriedades químicas dela.

Esta pesquisa se caracteriza como pesquisa bibliográfica, pois se apoia em artigos científicos que exploram a temática em questão.

Resultados e Discussão

A mamoneira (*Ricinus communis* L.) é uma planta tropical, provavelmente originária da Etiópia, embora existam registros antigos de seu cultivo tanto na Ásia quanto na África. Sabe-se que a mamona já era utilizada pelos egípcios há mais de 4.000 anos, especialmente para iluminação e na produção de unguentos, prática mencionada por filósofos da Grécia Antiga em seus escritos. Resistente à seca e exigente em calor, luminosidade e precipitação adequada, a planta se adapta a variados tipos de solo e altitudes entre 300 e 1.500 metros. No Brasil, destaca-se como uma oleaginosa de grande importância econômica e social, cultivada principalmente em pequenas e médias propriedades, com aplicações industriais e potencial energético na produção de biodiesel^{2,3}.

As plantas, como a mamona, ocupam um papel central nas religiões de matriz africana, sendo amplamente empregadas em rituais e no cotidiano das comunidades de terreiro. Alves et al. (2019) catalogaram 53 espécies de 30 famílias utilizadas em práticas religiosas. A mamona segundo os autores é utilizada nos terreiros para realizar banho de limpeza e suas folhas são utilizadas para servir oferendas e decorar⁴.

O óleo de rícino, extraído da mamona, apresenta alto teor de ácido ricinoleico (87–90,5%). Em comparação com outros óleos vegetais, possui maior viscosidade e menor solubilidade em hexano, quando comparado ao etanol⁵.

Como a pesquisa se encontra em andamento, foi realizada uma tentativa de saponificação do óleo de rícino para posterior fabricação de cosméticos naturais; contudo, os resultados obtidos não foram satisfatórios. Diante disso, optou-se pela aquisição de óleo de mamona comercial, que será utilizado nas próximas etapas para a produção de cosméticos naturais.

Conclusões

Os conhecimentos associados à mamona, desde suas propriedades químicas até seus usos tradicionais em contextos religiosos afro-brasileiros, evidenciam a riqueza de saberes historicamente marginalizados pela racionalidade eurocêntrica.

Ao resgatar essas práticas e narrativas, a pesquisa não apenas contribui para o reconhecimento da importância da diáspora africana na construção do conhecimento, mas também propõe caminhos para uma prática pedagógica decolonial. Inserir esses saberes no ensino de Química representa um gesto de justiça e um compromisso com a formação de sujeitos críticos, conscientes e respeitosos diante da pluralidade de ideias, culturas e formas de conhecer.

Inserir aqui agradecimentos. Procure usar este tipo de letra, embora possa usar letras maiúsculas.

1 PINHEIRO, B. C. S. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 19, p. 329-344, 2019.

2 CANGEMI, J. M. et al. A revolução verde da mamona. *Química Nova na Escola*, v.32, n. 1, p. 3-8, 2010.

3 SÃO PAULO. *Produção vegetal*. 2002. Disponível em: <https://encurtador.com.br/NP8Q8>. Acesso em: 24 mai. 2025.

4 ALVES, K. C. H. et al. Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba, MG, BR. *Ethnoscience*, v. 4, p. 1-10, 2019.

5 BASTOS, A. M. C. et al. Propriedades do óleo de rícino e sua aplicabilidade na indústria farmacêutica. *Revista de Casos e Consultoria*, v. 12, n. 1, p. 1-30, 2021.